

EXPLICAÇÃO DOS CONTEÚDOS DOUTRINÁRIOS

Uma das preocupações que qualquer autor deve ter presente, é a de garantir que a mensagem que faz passar através da palavra escrita, não será alvo de interpretações erróneas. Numa obra como esta, direccionada para o público infanto-juvenil e com o objectivo de promover a orientação moral e o despertar evangélico, especiais garantias devem ser empenhadas para diminuir o risco do erro interpretativo.

O propósito da elaboração do material didáctico que se segue, advém precisamente desta preocupação, e pretende concretizar-se numa ferramenta uniformizadora da mensagem subtraída de cada fábula, desde os cenários de fundo até aos acontecimentos chave nas narrativas, passando, evidentemente, pelas personagens. Todas personificam um grupo ou uma pessoa, recordando a importância pedagógica que está subjacente a cada um destes actores e, sobretudo, como deles podemos retirar algo para a nossa própria aprendizagem.

São orientações muito directas e objectivas, sem desenvolvimentos especiais, apenas para que os autores se certifiquem que as suas ideias são correctamente correspondidas com o conteúdo do Evangelho.

Para pais, avós ou netos, educadores ou evangelizadores, aqui vos é depositado mais este singelo contributo, na esperança que com ele possam semear os bons frutos que a humanidade colherá no futuro.

Que Jesus nos abençoe,

Muita Paz !

OS PATOS QUE NÃO QUERIAM VOAR

Contexto inicial:

Esta fábula explana o conteúdo do capítulo que versa sobre a vinda do Cristo, com o propósito de dar cumprimento às leis existentes, e não à sua destruição. A quinta do fazendeiro é o mundo de provas e expiações ao qual, voluntariamente, nos prendemos, por falta de vontade em nos empenharmos definitivamente para rumar a um estágio melhor, aqui simbolizando pela falta de vontade dos patos em voar.

Personagens:

O Fazendeiro representa Deus, nosso Pai e Criador.

O Pato Pascoal para-quem-tudo-estava-sempre-mal simboliza os pessimistas e orgulhosos, que com facilidade caem na crítica fácil e destrutiva e não obstante a sua inteligência, contentam-se com o pouco que têm em detrimento do muito que podem alcançar.

O Pato Policarpo sempre-efeitado-com-o-seu-trapo assume o papel daqueles que cedem à vaidade e ao orgulho da opulência, sem terem a noção do ridículo que a sua obstinação pela beleza se torna e da inutilidade em que traduz,

Pato Pedrocas distraído-entre-trocas-e-baldrocas interpreta os que optam por não assumir responsabilidades, os que preferem, ainda que sem se comprazerem no orgulho ou egoísmo, manterem-se mergulhados na inércia das futilidades diárias. São os que, não fazendo o mal, também pouco fazem de bom.

Águia Alexandrina que-voa-tanto-que-até-ensina simboliza Moisés e a rigidez das suas leis.

Pomba Paula que sempre-com-doçura-fala é o animal escolhido para representar o Cristo e a bondade dos seus ensinamentos transmitidos

através do contacto próximo com aqueles que necessitavam de consolo e orientação.

O Moleiro ilustra o advento do Espiritismo.

Acontecimentos:

A necessidade dos patos partirem para o sul ilustra o impulso que está latente na maioria de nós e que nos guiará, incontornavelmente, à perfeição. É a lei universal que, invariavelmente, será cumprida.

A vinda da Águia Alexandrina traz à fábula o contributo da Lei Moisaica, necessária, para a época, na sua intransigência e severidade.

O surgimento da Pomba Paula simboliza a vinda do Messias com a sua Lei de Amor, semeando a tolerância e a assistência na prática da Caridade.

O voo dos primeiros patos significa a partida dos primeiros discípulos e seguidores, que vão em busca do Reino de Deus, já convertidos às máximas cristãs.

A vinda do Moleiro é a concretização da chegada do Consolador através do Espiritismo, a terceira revelação que nos impulsionará para um mundo melhor, sendo o sopro a mediunidade, veículo de divulgação da mensagem da espiritualidade.

Fim

A PONTE PARA A NOVA SELVA

Contexto inicial:

Este capítulo apresenta-nos a dicotomia entre a realeza terrena e a realeza moral. Aqueles que se embriagam com o exercício do poder no mundo material, digladiando com o seu próximo numa tentativa permanente de conquistar mais e obter melhor, satisfazendo orgulho e egoísmo, não fazem mais do que entorpecer as forças próprias que os conduzirão ao Reino anunciado. A realeza terrena, estéril e inerte, estreita e mesquinha, pervertida pelos homens ao longo dos tempos, é simbolizada nesta fábula pela selva que está sem árvores. Do outro lado da margem do rio encontra-se o Reino que não é deste mundo, que apenas pode ser alcançado pelos simples e solidários, empreendedores humildes da vontade do Pai.

Personagens:

Elefantes, leões, hienas e crocodilos, simbolizam sem distinção especial os que, por diferentes razões, preferem banquetear-se com a pobreza material. Sugestionados pelo amor-próprio desmedido e entorpecedor de conquistas maiores, optam por não sacrificar o seu comodismo de pretensão de destaque, ainda que isso os impeça de evoluir. Seja individual seja colectivamente, seja pela força ou pela astúcia, preferem dominar no erro do que serem dominados no bem. Estes são todos os que por inércia, orgulho ou egoísmo, se convencem que não lhes cabe desempenhar tarefas humildes e anónimas e por isso acabam condenados a... terem que as fazer, cedo ou tarde.

Os macacos são precisamente os que se conformam com a subalternidade terrena e que com isso alcançam o Reino mais rico. Fruto da sua humildade, tornam-se os empreendedores anónimos da evolução do mundo, muitas vezes vítimas do despotismo e da falta de solidariedade de outros, mas que depois acabam por colher os dividendos justos que a vida eterna garante a todos.

Acontecimentos:

A reunião entre os elefantes, os leões, os crocodilos, as hienas e os macacos, simboliza o encontro que espíritos com diferentes graus de adiantamento obtêm na Terra. O seu debate apresenta-nos a oportunidade para distinguirmos os que zelam pelos interesses individuais antes dos colectivos (sejam de poder ou de bem-estar), os que se preocupam com os interesses do seu grupo em detrimento do de todos (de forma mais ou menos altruísta) e os que intuitivamente compreendem que devem tomar parte de um esforço conjunto para a melhoria geral.

Os primeiros caem na tentação de atribuir maior importância à escala social da selva moribunda, ao invés de se proporem a contribuir para o alcance da selva melhor que aguardava por todos. Optam pelo abuso da sua posição para garantir o gozo dos bens terrenos, escolhendo ignorar o sentimento inato de que a vida continua para além da morte do corpo.

Os macacos sujeitam-se sem revolta ao papel que lhes é reservado e sem azedume empreendem a construção da ponte, convictos de que o fazem para usufruto de todos.

Mas a Lei Divina é justa e a recompensa do que trabalhar em prol do próximo virá, neste ou no outro mundo - na primeira ou na segunda selva. Por isso apenas quem trabalhou dedicadamente para o bem geral, garantirá o acesso ao mundo melhor. Os restantes, permanecerão na selva estéril pela inércia dos seus habitantes, até terem alcançado o mérito necessário para, por meios próprios, tomarem assento numa outra melhor.

Os macacos alcançam esse mérito através da construção da ponte, que naturalmente apenas a eles servia, assim como o mérito do esforço de cada um não pode ser repartido ou delegado no próximo, por muito que o amemos. Tal seria contrário à mais elementar lei de justiça.

Fim